

SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

CIC 210-211, 604: a misericórdia e piedade de Deus

- 210** Depois do pecado de Israel, que se afastou de Deus para adorar o bezerro de ouro¹, Deus atende a intercessão de Moisés e aceita caminhar no meio dum povo infiel, manifestando deste modo o seu amor². A Moisés, que Lhe pede a graça de ver a sua glória, Deus responde: «Farei passar diante de ti toda a minha bondade (beleza) e proclamarei diante de ti o nome de YHWH» (*Ex* 33, 18-19). E o Senhor passa diante de Moisés e proclama: «O Senhor, o Senhor [YHWH, YHWH] é um Deus clemente e compassivo, sem pressa para se indignar e cheio de misericórdia e fidelidade» (*Ex* 34, 5-6). Moisés confessa, então, que o Senhor é um Deus de perdão³.
- 211** O nome divino «Eu sou» ou «Ele é» exprime a fidelidade de Deus, que, apesar da infidelidade do pecado dos homens e do castigo que merece, «conserva a sua benevolência em favor de milhares de pessoas» (*Ex* 34, 7). Deus revela que é «rico de misericórdia» (*Ef* 2, 4), ao ponto de entregar o seu próprio Filho. Dando a vida para nos libertar do pecado, Jesus revelará que Ele mesmo é portador do nome divino: «Quando elevardes o Filho do Homem, então sabereis que *Eu sou*» (*Jo* 8, 28).
- 604** Entregando o seu Filho pelos nossos pecados, Deus manifesta que o seu plano sobre nós é um desígnio de amor benevolente, independente de qualquer mérito da nossa parte: «Nisto consiste o amor: não fomos nós que amámos a Deus, foi Deus que nos amou a nós e enviou o seu Filho como vítima de propiciação pelos nossos pecados» (*1 Jo* 4, 10)⁴. «Deus prova assim o seu amor para conosco: Cristo morreu por nós quando ainda éramos pecadores» (*Rm* 5, 8).

CIC 430, 478, 545, 589, 1365, 1439, 1825, 1846: o amor de Cristo pelo próximo

- 430** Em hebraico, *Jesus* quer dizer «Deus salva». Aquando da Anunciação, o anjo Gabriel dá-lhe como nome próprio o nome de Jesus, o qual exprime, ao mesmo tempo, a sua identidade e a sua missão⁵. Uma vez que «só Deus pode perdoar os pecados» (*Mc* 2, 7), será Ele quem, em Jesus, seu Filho eterno feito homem, «salvará o seu povo dos seus pecados» (*Mt* 1, 21). Em Jesus, Deus recapitula, assim, toda a sua história de salvação em favor dos homens.

¹ Cf. *Ex* 32.

² Cf. *Ex* 33, 12-17.

³ Cf. *Ex* 34, 9.

⁴ Cf. *1 Jo* 4, 19.

⁵ Cf. *Lc* 1, 31.

- 478** Jesus conheceu-nos e amou-nos, a todos e a cada um, durante a sua vida, a sua agonia e a sua paixão, entregando-Se por cada um de nós: «O Filho de Deus amou-me e entregou-Se por mim» (*Gl* 2, 20). Amou-nos a todos com um coração humano. Por esse motivo, o Sagrado Coração de Jesus, trespassado pelos nossos pecados e para nossa salvação⁶, «*praecipuus consideratur index et symbolus... illius amoris, quo divinus Redemptor aeternum Patrem hominesque universos continenter adamat* – é considerado sinal e símbolo por excelência... daquele amor com que o divino Redentor ama sem cessar o eterno Pai e todos os homens»⁷.
- 545** Jesus convida os *pecadores* para a mesa do Reino: «Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores» (*Mc* 2, 17)⁸. Convida-os à conversão sem a qual não se pode entrar no Reino, mas por palavras e actos, mostra-lhes a misericórdia sem limites do Seu Pai para com eles⁹ e a imensa «alegria que haverá no céu, por um só pecador que se arrependa» (*Lc* 15, 7). A prova suprema deste amor será o sacrifício da sua própria vida, «pela remissão dos pecados» (*Mt* 26, 28).
- 589** Jesus scandalizou, sobretudo, por ter identificado a sua conduta misericordiosa para com os pecadores com a atitude do próprio Deus a respeito dos mesmos¹⁰. Chegou, até, a dar a entender que, sentando-Se à mesa dos pecadores¹¹, os admitia no banquete messiânico¹². Mas foi muito particularmente ao perdoar os pecados que Jesus colocou as autoridades religiosas de Israel perante um dilema. É que, como essas autoridades justamente dizem, apavoradas, «só Deus pode perdoar os pecados» (*Mc* 2, 7). Jesus, ao perdoar os pecados, ou blasfema por ser um homem que se faz igual a Deus¹³, ou diz a verdade e a Sua pessoa torna então presente e revela o nome de Deus¹⁴.
- 1365** Porque é o memorial da Páscoa de Cristo, *a Eucaristia é também um sacrificio*. O carácter sacrificial da Eucaristia manifesta-se nas próprias palavras da instituição: «Isto é o meu corpo, que vai ser entregue por vós» e «este cálice é a Nova Aliança no meu sangue, que vai ser derramado por vós» (*Lc* 22, 19-20). Na Eucaristia, Cristo dá aquele mesmo corpo que entregou por nós na cruz, aquele mesmo sangue que «derramou por muitos em remissão dos pecados» (*Mt* 26, 28).
- 1439** *O dinamismo da conversão e da penitência* foi maravilhosamente descrito por Jesus na parábola do «filho pródigo», cujo centro é «o pai misericordioso»¹⁵: o deslumbramento dum liberdade ilusória e o abandono da casa paterna; a miséria extrema em que o filho se encontra depois de delapidada a fortuna; a humilhação profunda de se ver obrigado a guardar porcos e, pior ainda, de

⁶ Cf. *Jo* 19, 34.

⁷ Pio XII, Enc. *Haurietis aquas*: DS 3924; cf. Id., Enc. *Mystici corporis*: DS 3812.

⁸ Cf. *1 Tm* 1, 15.

⁹ Cf. *Lc* 15, 11-32.

¹⁰ Cf. *Mt* 9, 13; *Os* 6, 6.

¹¹ Cf. *Lc* 15, 1-2.

¹² Cf. *Lc* 15, 23-32.

¹³ Cf. *Jo* 5, 18; 10, 33.

¹⁴ Cf. *Jo* 17, 6.26.

¹⁵ Cf. *Lc* 15, 11-24.

desejar alimentar-se das bolotas que os porcos comiam; a reflexão sobre os bens perdidos; o arrependimento e a decisão de se declarar culpado diante do pai; o caminho do regresso; o acolhimento generoso por parte do pai; a alegria do pai: eis alguns dos aspectos próprios do processo de conversão. O fato novo, o anel e o banquete festivo são símbolos desta vida nova, pura, digna, cheia de alegria, que é a vida do homem que volta para Deus e para o seio da família que é a Igreja. Só o coração de Cristo, que conhece a profundidade do amor do seu Pai, pôde revelar-nos o abismo da sua misericórdia, de um modo tão cheio de simplicidade e beleza.

1825 Cristo morreu por amor de nós, sendo nós ainda «inimigos» (*Rm* 5, 10). O Senhor pede-nos que, como Ele, amemos até os nossos *inimigos*¹⁶, que nos façamos o próximo do mais afastado¹⁷, que amemos as crianças¹⁸ e os pobres como a Ele próprio¹⁹.

O apóstolo São Paulo deixou-nos um incomparável quadro da caridade: «A caridade é paciente, a caridade é benigna; não é invejosa, não é altiva nem orgulhosa; não é inconveniente, não procura o próprio interesse, não se irrita; não guarda ressentimento, não se alegra com a injustiça, mas alegra-se com a verdade; tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta» (*1 Cor* 13, 4-7).

1846 O Evangelho é a revelação, em Jesus Cristo, da misericórdia de Deus para com os pecadores²⁰. O anjo assim o disse a José: «Pôr-Lhe-ás o nome de Jesus, porque Ele salvará o seu povo dos seus pecados» (*Mt* 1, 21). O mesmo se diga da Eucaristia, sacramento da Redenção: «Isto é o meu sangue, o sangue da Aliança, que vai ser derramado por todos para a remissão dos pecados» (*Mt* 26, 28).

CIC 2669: o Coração de Cristo é digno de adoração

2669 A oração da Igreja venera e honra o *Coração de Jesus*, tal como invoca o seu santíssimo Nome. Adora o Verbo encarnado e o seu Coração que, por amor dos homens, Se deixou trespassar pelos nossos pecados. A oração cristã gosta de percorrer o *caminho da cruz* (Via-Sacra) no seguimento do Salvador. As estações, do Pretório ao Gólgota e ao túmulo, assinalam o caminho de Jesus que, pela sua santa cruz, remiu o mundo.

CIC 766, 1225: a Igreja nasce do lado aberto de Cristo

766 Mas a Igreja nasceu principalmente do dom total de Cristo pela nossa salvação, antecipado na instituição da Eucaristia e realizado na cruz. «Tal começo e crescimento da Igreja exprimem-nos o sangue e a água que manaram do lado aberto de Jesus crucificado»²¹. Porque «foi do lado de Cristo adormecido na

¹⁶ Cf. *Mt* 5, 44.

¹⁷ Cf. *Lc* 10, 27-37.

¹⁸ Cf. *Mc* 9, 37.

¹⁹ Cf. *Mt* 25, 40.45.

²⁰ Cf. *Lc* 15.

²¹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 3: AAS 57 (1965) 6.

cruz que nasceu o sacramento admirável de toda a Igreja»²². Assim como Eva foi formada do costado de Adão adormecido, assim a Igreja nasceu do coração trespassado de Cristo, morto na cruz²³.

1225 Foi na sua Páscoa que Cristo abriu a todos os homens as fontes do Baptismo. De facto, Ele já tinha falado da sua paixão, que ia sofrer em Jerusalém, como dum «baptismo» com que devia ser baptizado²⁴. O sangue e a água que manaram do lado aberto de Jesus crucificado²⁵ são tipos do Baptismo e da Eucaristia, sacramentos da vida nova²⁶: desde então, é possível «nascer da água e do Espírito» para entrar no Reino de Deus (*Jo* 3, 5).

«Repara: Onde é que foste baptizado, de onde é que vem o Baptismo, senão da cruz de Cristo, da morte de Cristo? Ali está todo o mistério: Ele sofreu por ti. Foi n'Ele que tu foste resgatado, n'Ele que foste salvo»²⁷.

CIC 1432, 2100: o amor de Cristo comove os nossos corações

1432 O coração do homem é pesado e endurecido. É necessário que Deus dê ao homem um coração novo²⁸. A conversão é, antes de mais, obra da graça de Deus, a qual faz com que os nossos corações se voltem para Ele: «Convertei-nos, Senhor, e seremos convertidos» (*Lm* 5, 21). Deus é quem nos dá a coragem de começar de novo. É ao descobrir a grandeza do amor de Deus que o nosso coração é abalado pelo horror e pelo peso do pecado, e começa a ter receio de ofender a Deus pelo pecado e de estar separado d'Ele. O coração humano converte-se, ao olhar para Aquele a quem os nossos pecados trespassaram²⁹:

«Tenhamos os olhos fixos no sangue de Cristo e compreendamos quanto Ele é precioso para o seu Pai, pois que, derramado para nossa salvação, proporcionou ao mundo inteiro a graça do arrependimento»³⁰.

2100 Para ser autêntico, o sacrifício exterior deve ser expressão do sacrifício espiritual: «O meu sacrifício é um espírito arrependido...» (*Sl* 51, 19). Os profetas da Antiga Aliança denunciaram muitas vezes os sacrifícios feitos sem participação interior³¹ ou sem ligação com o amor do próximo³². Jesus recorda a palavra do profeta Oseias: «Eu quero misericórdia e não sacrifício» (*Mt* 9, 13; 12, 7)³³. O único sacrifício perfeito é o que Cristo ofereceu na cruz, em total oblação ao amor do Pai e para nossa salvação³⁴. Unindo-nos ao seu sacrifício, podemos fazer da nossa vida um sacrifício a Deus.

²² II CONCÍLIO DO VATICANO, *Const. Sacrosanctum Concilium*, 5: AAS 56 (1964) 99.

²³ Cf. Cf. SANTO AMBRÓSIO, *Expositio evangelii secundum Lucam*, 2, 85-89: CCL 14, 69-72 (PL 15, 1666-1668).

²⁴ Cf. *Mc* 10, 38; *Lc* 12, 50.

²⁵ Cf. *Jo* 19, 34.

²⁶ Cf. *1 Jo* 5, 6-8.

²⁷ SANTO AMBRÓSIO, *De sacramentis* 2, 2, 6: CSEL 73, 27-28 (PL 16, 425-426).

²⁸ Cf. *Ez* 36, 26-27.

²⁹ Cf. *Jo* 19, 37; *Zc* 12, 10.

³⁰ SÃO CLEMENTE DE ROMA, *Epistula ad Corinthios* 7, 4: SC 167, 110 (FUNK 1, 108).

³¹ Cf. *Am* 5, 21-25.

³² Cf. *Is* 1, 10-20.

³³ Cf. *Os* 6, 6.

³⁴ Cf. *Heb* 9, 13-14.